

Prólogo

O ritmo pulsante da música tomava seu corpo até os All Stars cor-de-rosa de cano alto. Ela queria usar as sandálias de salto alto que tinha comprado na última viagem a Atlanta, mas havia cometido esse erro antes, naquele fim de mundo enlameado. Não importava o quanto fossem lindas nela, sandálias de salto eram para lugares fechados, não festas doidas no meio do nada.

As solas de borracha dos tênis quicavam com a batida no chão de compensado com outras dezenas de tênis, botas e um punhado de sapatos de salto já arruinados. Os corpos pulando e balançando na pista de dança improvisada levantavam lama nas beiradas, acertando as poucas pessoas que conseguiam ficar de fora, só olhando. Cerveja derramava do copo pela metade a cada passo dela. Gritos e assobios enchiam o ar enquanto todos cantavam.

— Adoro esta música! — gritou ela por cima da batida para quem estivesse escutando.

Ela não sabia se alguém era capaz de ouvi-la. Mas não se importava com isso. A música era tudo o que interessara.

Quem quer que tivesse organizado a festa de volta às aulas era um gênio. Ficava a quilômetros de distância dos pais preconceituosos, da escola na qual ela se formaria no fim do ano e da cidade que ela mal podia esperar para deixar para trás. Apenas as árvores estavam em volta para vê-la beber alguns goles de cerveja. Para observá-la beijar Bobby na pista de dança. Fazer todo tipo de coisas pelas quais teria de pagar penitência na igreja no domingo.

Ser aceita na Universidade de Nova York trouxera a promessa de mais noites como aquela. A liberdade para celebrar uma vida feita das próprias escolhas, de cometer os próprios erros. Mas nada daquilo importava agora. Tudo o que ela queria era dançar. *Footloose*, livre, como dizia a canção.

A cerveja derramou do copo quando ela jogou os braços em volta da melhor amiga e do namorado.

— Amo vocês!

Os movimentos mudaram de uma dança livre para um passo típico de música country. Pés eram lançados para cima em uma coreografia coordenada. Ela a conhecia das horas passadas no quarto aprendendo os passos enquanto seus pais gritavam para que parasse de pular e diminuísse o “barulho”.

Gira. Chuta. Vira. Pisa.

— Uhu!

— A festa está se mudando! — gritou alguém em seu ouvido. A mão quente e suada a puxou. Era Bobby. O seu Bobby.

Deixá-lo era o único arrependimento que tinha por sair de Bomont. Ela bebeu outro gole de cerveja, esperan-

do apagar aquele pensamento triste. Aquela noite não era para arrependimentos. Aquela noite era para comemorar.

Bobby tinha levado o time à vitória no jogo de estreia da temporada algumas horas mais cedo. Eles tinham fugido da festa oficial de pós-jogo com os ex-alunos que “voltaram” ao colégio, os quais, na verdade, estavam apenas voltando do fim da rua. Quase ninguém ia embora de Bomont. Mas nenhum dos veteranos queria ficar com os pais e vizinhos quando podiam sair e se divertir. Aquela era a celebração não oficial da abertura da temporada: aquela sobre a qual os pais e professores sabiam, mas fingiam não existir. Como se simplesmente ao ignorar o que os filhos estavam fazendo, eles permanecessem anjinhos.

•••••

Ela ocupou a posição habitual no banco do carona do carro de Bobby, enquanto a melhor amiga, Jenny, se apertou no banco de trás com os rapazes. Ela estava praticamente no colo de Ronnie. Jenny vinha flertando com ele há meses. Naquela noite ele finalmente correspondera.

Era muito cedo para voltar para casa. Seu toque de recolher tinha sido estendido porque era o dia do início da temporada; seus pais deixavam passar em ocasiões especiais. Ela não tinha certeza do destino do grupo agora, mas para onde Bobby quisesse levar a festa, estava bom para ela.

A canção continuou tocando no rádio de Bobby quando ele ligou o carro. O irmão de Jenny trabalhava no turno da madrugada na estação de rádio local, fornecendo a trilha

sonora sem intervalos comerciais para a festa. Nenhum dos adultos escutava rádio até tão tarde, então não reclamariam que a estação tivesse saído do habitual estilo *light* FM. Não importava se a música era mais velha que ela; apoiou os tênis cor-de-rosa sobre o painel e deixou os dedos dos pés balançarem com a música.

Os pneus levantaram poeira atrás deles quando Bobby saiu da vaga entre dois plátanos. O solavanco repentino derramou o resto da cerveja.

— Acidente de festa! — gritou ela por cima da música.

Bobby tinha bebido apenas duas cervejas e metade da dela. Ela já o tinha visto entornar quatro vezes aquilo assistindo a um jogo dos Bulldogs. Não que ela pudesse se oferecer para dirigir. A cerveja e meia que ela havia bebido era mais do que o suficiente para seu peso leve. Ela jogou o copo de plástico pela janela, aumentou a música e cantou aos berros. Mais um semestre era tudo o que faltava para a liberdade.

Sentiu tapinhas no ombro e se virou no assento. Jenny inclinou o corpo na direção dela, com a mão encostada ao corpo de Ronnie para se apoiar. Sua boca continuava se movendo, mas sua voz não conseguia competir com a música alta. Estava muito escuro no banco de trás, até mesmo para ler os lábios da amiga.

— Não estou escutando! — gritou ela para Jenny.

A repentina luz extra ajudou. Jenny estava dizendo algo a respeito de Bobby até que sua boca congelou e seus olhos se arregalaram.

Ela se virou a tempo de ver que a luz era do caminhão que vinha na direção deles.

— BOBBY!

Ela segurou o volante, mas era tarde demais. Metal bateu em metal. Seu corpo foi jogado contra a porta do carona. O carro começou a rodar. A cantoria se transformou em gritos. Sua voz ainda era a mais alta.

O carro bateu na grade do acostamento com um solavanco de chacoalhar os ossos. Veio um estalo. A grade de metal não era o suficiente para contê-los. A cabeça dela bateu no teto. Ela viu estrelas. Seu corpo quicou no banco do carona enquanto mais gritos afogavam a música.

Sua testa bateu no painel quando o carro parou de repente.

Mas estava frio. Muito, muito frio.

Bobby?

Ele não respondeu. Será que ela realmente tinha falado o nome dele em voz alta? Estava ficando mais frio.

De onde a água estava vindo?

Eles caíram no lago. Ah, é. Estavam na ponte Crosby. A água estava subindo. Ela precisava sair do carro. A música ainda tocava, mas as vozes tinham parado de cantar. Tinham parado de gritar.

A porta não abriu. Os vidros elétricos não queriam abrir. Ela empurrou a mão contra o vidro rachado, tentando sair do carro.

Sentiu uma dor no pulso. Algo nela estava quebrado como o vidro.

A água continuava subindo.

Ela estava ficando cansada. Muito cansada. Mas a noite ainda era uma criança.

A água estava muito alta.

O frio envolveu seu corpo. Aquilo fez a dor diminuir. Aquilo tornou o mundo ao seu redor mais silencioso. Tudo era mais silencioso no frio.

E na escuridão.

A música tinha acabado, mas ela ainda podia sentir a batida pulsante na água. Até o momento em que não sentiu mais nada.